

# ***Análise do processo crime – auto de interrogatório feito a três escravos responsáveis pela morte do seu Capitão do Mato***

Ingrid Isabelly Soares Feitosa

## **Resumo:**

Este artigo traz uma transcrição comentada que tem por finalidade analisar o interrogatório feito pelo sub delegado aos escravos Jozé Taboca, Agostinho e Thomas e com isso, analisar o contexto colonial do período. Partindo desse pressuposto, os escravos utilizavam diversas artimanhas para resistir ao sistema imposto na época. A fim de atingir essa finalidade, a insubordinação dos escravos variava constantemente sendo muitas vezes até planejado para se recusarem à situação de violência e exploração a que estavam submetidos. Nesse contexto, os quilombos em que eram feitos pelos escravos eram tentativas coletivas de sair dessa realidade, demonstrando toda essa força e rebeldia. O processo crime em análise denota primeiramente a relação dos senhores e os comandados por estes e os escravos e como estes podem ser sujeitos da história com o legado que deixaram através de suas narrativas de defesa.

**Palavras-chave:** brasil colônia, escravidão, paleografia, narrativas históricas, senhor de engenho, criminalidade

## **Abstract:**

This article brings a commented transcript that uses the interrogation made by the sub-delegate to the slaves Jozé Taboca, Agostinho and Thomas e analyzed the colonial context of the period. Based on this assumption, the slaves use different devices to resist the system imposed at the time. In order to achieve this, an insubordination of slaves constantly varied and was often even planned to refuse the situation of the violence and exploitation that occurred. In the context, the quilombos in which they were made by slaves were made by slaves were collectives to leave this reality, demonstrating all this strength and rebellion. The crime process under analysis mainly denotes the relationship between the masters and those commaded by them and the slaves and how they can be subjects of history with the legacy they describe through their defense narratives.

# **A análise do processo crime e a importância de compreender os sujeitos históricos**

Este artigo traz uma transcrição comentada do auto interrogatório dos escravos Jozé Taboca, Agostinho e Thomas, sendo este salvaguardado no Arquivo Judiciário do Tribunal de Justiça de Sergipe, com 22 páginas, produzido em 1849, documento que passou por diversas formas de restauração e limpeza periódica para maior conservação do documento.

Antes de entendermos o processo crime propriamente dito, precisamos compreender o que o Brasil e principalmente Sergipe estavam vivendo no século XIX. A proibição do tráfico negreiro ocorreu em 1850, um ano após o processo em estudo. Porém, as pressões externas eram ensurdecadoras, fazendo com que muitos escravos se rebelassem por não aceitar serem submetidos aos maus tratos. O ato de proibição foi um marco para a historiografia brasileira, sendo um dos caminhos para a posterior abolição em 1888. Em Sergipe, 1850 foi marcado além disso pela expansão canavieira, Sergipe entre 1840 e 1850 foi integrado ao comércio do açúcar e conseqüentemente o aumento do mesmo.

O interrogatório, direito subjetivo dos acusados, foi executado nesse contexto histórico e econômico pelo subdelegado Izdro Pereira de Mello e, infelizmente diversas partes do processo crime foram perdidas com o passar do tempo e estas nunca foram encontradas, porém a confissão é o fundamental procedimento investigativo para entendermos a relação escravocrata e seu Senhor de Engenho. A importância da arquivologia na restauração de diversos documentos históricos foi crucial para restaurar o que sobrou do processo, além de outros existentes no Arquivo Judiciário de Sergipe. A paleografia na pesquisa histórica é de extrema importância ao trabalho do historiador para analisar as fontes históricas e representação fidedigna do real acontecido, sendo neste caso em questão crucial para análise das relações produtivas e hierárquicas. No que tange ao processo histórico transcrito, foi retirado de uma investigação policial em que, apesar de estar incompleta, é possível analisar diversos pontos importantes como desvendar as práticas cotidianas, os valores, o desejado e o vivido pelos homens e personagens das histórias que aparecem neste corpus documental e permitindo a nossa aproximação do aspecto da vida cotidiana no período.

A utilidade de um processo criminal é gigantesca. No contexto histórico, o Brasil herdou de Portugal toda a estrutura político-econômico-jurídica no Brasil colônia baseada no colonialismo, patrimonialismo e escravismo. A transcrição documental é importante para analisarmos a criminalidade, o uso do poder e da resistência dos subordinados. O ambiente de trabalho era também além de forma de sobrevivência, local de diversos crimes na sociedade brasileira, e aqui em Sergipe não seria diferente. A queixa, o corpo de delito, o julgamento final e outras partes do processo não foram encontradas, porém, desse fragmento podemos retirar a relevância do capitão do mato nas relações produtivas, em que comandava o dia a dia dos escravos e sua sociabilidade com os superiores.

O papel do historiador ao se deparar com fontes históricas desse viés precisa, antes de tudo, sensibilidade ao entender analisar a documentação. É necessário não ver apenas o que quer ou o que pensa a respeito, ver além da violência aplicada no processo criminal, pois essa fonte é riquíssima para adentrarmos no cotidiano dos escravos. Para Sidney Chalhoub:

[...] ler processos criminais não significa partir em busca \_do que realmente se passou\_, porque esta seria uma expectativa inocente, da mesma forma como é pura inocência objetar a utilização de processos criminais porque eles \_mentem\_. O importante é estar atento às \_coisas\_ que se repetem sistematicamente: versões que se reproduzem muitas vezes, aspectos que ficam mal escondidos, mentiras ou contradições que aparecem com frequência (CHALHOUB, 1986).

A historiografia se preocupa com a objetividade dos fatos e com fontes que pudessem validar possíveis verdades. No documento em questão, apresenta-se um interrogatório do subdelegado que procura saber como os 3 escravos matam o seu capitão do mato e quais os motivos para a concretização desse crime. Apesar de faltar diversas partes processuais, o processo consta diversos indícios do cotidiano do trabalho recuperando também a visão dos sujeitos históricos, que muitas vezes não estão em situação privilegiada, oferecendo ao leitor a opinião de representações de diversos grupos envolvidos em um determinado contexto. No processo crime, os três escravos mencionados relatam em detalhes o crime, em que pegaram o capitão nos matos, amarrando-o e utilizaram um pau, torturaram-no deixando diversas marcas

em seu corpo em que foram comprovados no corpo de delito feito, com todos os indícios de crueldade para concretizar a morte.

O crime acometido em 1849, no Engenho do Catete, na Comarca de Laranjeiras, denota primeiramente a relação dos senhores e os comandados por estes e os escravos. Nesse aspecto, entra o Capitão do Mato, serviçal a favor dos Senhores de Engenho e responsáveis por cuidar dos escravos evitando que esses fugissem, afinal, escravo nesse período era uma mercadoria de valor altíssimo e primordial para toda a produção dos engenhos e que faziam a economia do período colonial desenvolver. Os capitães-do-mato eram em sua maioria homens livres e pobres com função de executar atividades temporárias nas fazendas e sem uma periodicidade certa. De maneira geral era exercida principalmente pelo feitor nas fazendas, a fim de reprimir e punir qualquer tipo de aglomeração conjunta, principalmente as fugas, sendo assim, uma figura bastante importante para a sustentação do regime escravocrata.

Diversos crimes causaram e causam impacto e polêmica no seio da sociedade brasileira, o crime em questão também causou devido ao fato de escravos matarem uma autoridade do período, o Capitão do Mato. Antes da análise do processo crime, é necessário refletirmos que práticas punitivas eram constantemente impostas a fim de frear um possível crime, contravenção ou fugas. Contudo, as formas de resistência e insubordinação dos escravos subordinados variavam constantemente, sendo muitas vezes até planejado para se recusarem à situação de violência e exploração a que estavam submetidos. Nesse contexto, os quilombos em que eram feitos pelos escravos eram tentativas coletivas de sair dessa realidade, demonstrando toda essa força e rebeldia.

Enquanto durou a escravidão no Brasil, fugas de cativos foram uma constante, e, embora nos documentos históricos sergipanos tenham mais detalhes das fugas nas visões dos Senhores de Engenho, o documento em estudo trata-se de uma rebeldia em que são interrogados todos os suspeitos do crime cometido e que relata a frieza e os detalhes dessa ação criminosa.

Endossando a narrativa dos escravos, com esse breve interrogatório podemos perceber que homens livres, de cor ou não, exerciam a função de capitão-do-mato em troca de benefícios ou para seu sustento. O posto era um dos mais baixos do aparato estatal e o de menor prestígio. Alguns libertos participaram dessa repressão e por isso os Senhores de Engenho sempre se mostravam desconfiados. O fato de libertos ocuparem esse cargo, faziam com que escravizados se revoltassem com os capitães do mato a que tinham que se submeter pois eles um dia já foram escravos. Os capitães eram primordiais para manter o aspecto econômico e a estabilidade da

colônia no que tange a sua produção, sendo tudo isso demonstrado em todo o interrogatório e justificado o motivo de raiva dos escravos perante o capitão do mato.

A relação entre senhores e escravos é uma questão bem mais complexa do que se pode imaginar, pois, existiam até pessoas que possuíam escravos, que antes eram considerados da mesma condição, justamente um desses eram os capitães do mato, que faziam o papel de uma espécie de milícia resgatando-os. Além disso, os engenhos foram cruciais para a manifestação negativa do escravo perante ao seu senhor e a todo o sistema. Porém, o escravo era visto como “coisa”, sendo considerado apenas como uma propriedade do seu senhor, podendo ser comercializados com legitimidade total das autoridades policiais, pois a escravidão era legitimada por todos e até pela igreja, sendo a principal fonte econômica.

Sobre esse aspecto da liberdade, Sidney Chalhoub, tenta mostrar que os escravos produziam seus próprios valores e suas próprias definições do que significava liberdade que é definido como “[...] as condições extremamente duras da vida sob o cativo haviam destituído os negros das habilidades necessárias para serem bem sucedidos na vida em liberdade. [...]”, o que na verdade nunca existiu, não passando de uma opção para pensar a escravidão de forma mais acomodada e excluindo ainda mais o escravo de sua própria realidade.

Sabemos que, além dos escravos pressionarem no período, havia também pressões externas advindas da Inglaterra, que viria com a revolução industrial. A abolição era inevitável, os preços dos escravos despencaram, as alforrias coletivas eram cada vez mais frequentes e essa abolição foi bastante festejada por ex escravos e abolicionistas. Embora o que mais se pediu ocorrera, esse período deixa cicatrizes na nossa sociedade até os dias atuais, a partir daí as relações sociais se alterariam de modo a trazer consequências.

A repressão senhorial à luta dos escravos para se afirmarem como pessoas livres foi cruel, cerceando as atividades dos libertos que possibilitassem certa independência da grande lavoura, negando a posse de terras devolutas e destruindo pequenos assentamentos. Além disso, já que o governo concedeu aos ex escravos o direito de liberdade, esta teria um elevado preço. As novas relações de trabalho livre não tinham nada a ver com a liberdade que os negros desejavam, muitos deles continuaram dependentes economicamente do seu senhor.

O crime se constituiu na quebra de regras sociais estabelecidas pelos escravos, sendo que existe uma historicidade no conceito de criminalidade de acordo com o seu tempo e lugar.

Os processos criminais são como uma das fontes imprescindíveis para se tratar de criminalidade escrava e o que no período era considerado crime, usando o interrogatório dos escravos como narrativa para a sua defesa e explicação de um determinado fato. Com o gestual do depoente, é notório analisar que os escravos o mataram em um momento de fraqueza do capitão, em que ele estava no mato procurando os escravos fugitivos.

Os crimes cometidos pelos escravos e, por extensão, pelos libertos, poderiam expressar, de um lado, atos de consciente resistência política ao sistema escravista e, de outro, simples reação a opressão sofrida. De qualquer forma, ao reagir, o escravo expressava-se como indivíduo e como produto das relações sociais vivenciadas o que lhe permitia a elaboração da “consciência” de ser escravo. Dito de outra forma, mesmo que o crime cometido fosse individual, ele expressava um ato social originado da violência coletiva cotidiana, da experiência e do aprendizado de ser escravo” (REIS, 2008).

Os processos criminais nos auxiliam na contemporaneidade a entender as diversas relações trabalhistas e econômicas do período colonial, além disso, as narrativas estabelecem conexões de pensamento de acordo com as partes envolvidas e o mais interessante é compreender de forma imparcial como cada discurso é construído na frente do subdelegado e cada uma de suas artimanhas para convencê-lo.

## **Considerações Finais**

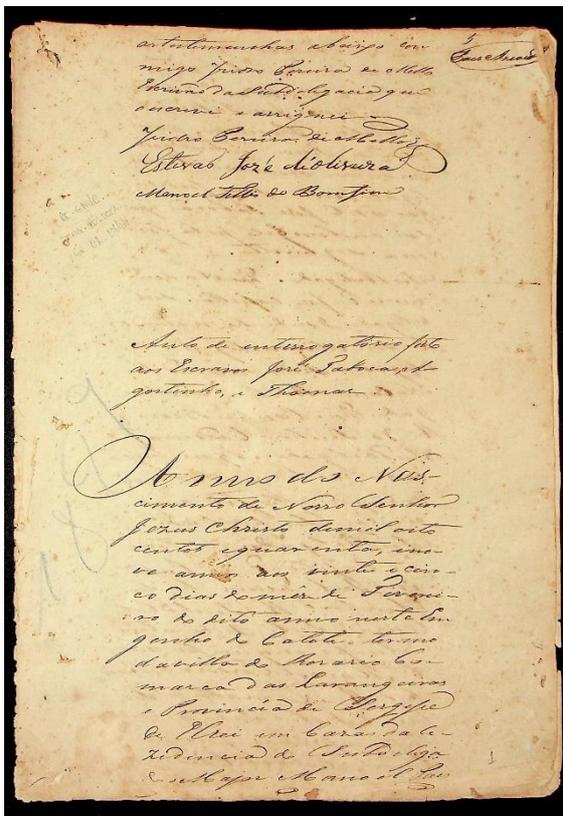
As fontes históricas são constituídas por uma série de registros da atividade humana das quais o pesquisador se vale para estudar o passado e por isso, há diversas possibilidades de pesquisa com o uso dos processos criminais como fonte histórica. Desse modo, a presença do negro na sociedade escravista brasileira não pode ser medida apenas pela influência na criação de hábitos e pela participação no trabalho e na formação da cultura nacional, mas também por sua atuação cotidiana no processo penoso e difícil de conquista da liberdade e de recuperação de sua identidade.

Esta pesquisa investiga as repercussões do crime na história de vida de 3 escravos, que muito provavelmente foram sentenciados. No que tange o documento em questão, salientamos a importância da paleografia como objeto importante para analisarmos as fontes históricas e os sujeitos da nossa história. Além disso, as relações trabalhistas e acordos advindos e característicos do período em que, nas breves narrativas apresentadas é possível destacar qual a motivação de escravos se juntarem para matar um capitão do mato. Embora os relatos não possam afirmar, eles são fontes fidedignas de relações no colonialismo e como a criminalidade escrava era um meio de contestação a escravidão no Brasil.

Procura-se analisar o interrogatório do subdelegado e procurar resposta de como os três escravos matam o seu capitão do mato e quais os motivos para a concretização desse crime, apesar de diversas partes do processo não estarem na análise. Como reflexão, foi possível concluir que as formas de resistência e insubordinação dos escravos subordinados variavam constantemente, sendo muitas vezes até planejado para se recusarem à situação de vulnerabilidade exposta.

Portanto, a pesquisa é um meio de contribuição histórica e representação da forma com que os pesquisadores entendem a sociedade no seu passado através das fontes. Nos possibilita ver a história em tempos e espaços diversos pelos vestígios de seu povo e reminiscência de memórias. Sendo assim, é imprescindível para o historiador compreender fatos sociais, sensibilidade e perspicácia para analisar a documentação, pois, o mesmo processo-crime pode ser utilizado por vários pesquisadores e explorado de diferentes formas.

# TRANSCRIÇÃO DOCUMENTAL



As testemunhas abaixo comigo Izdro Pereira de Mello

Escrivão da sub delegacia que o escrevi e assignei

**Izdro Pereira de Mello**

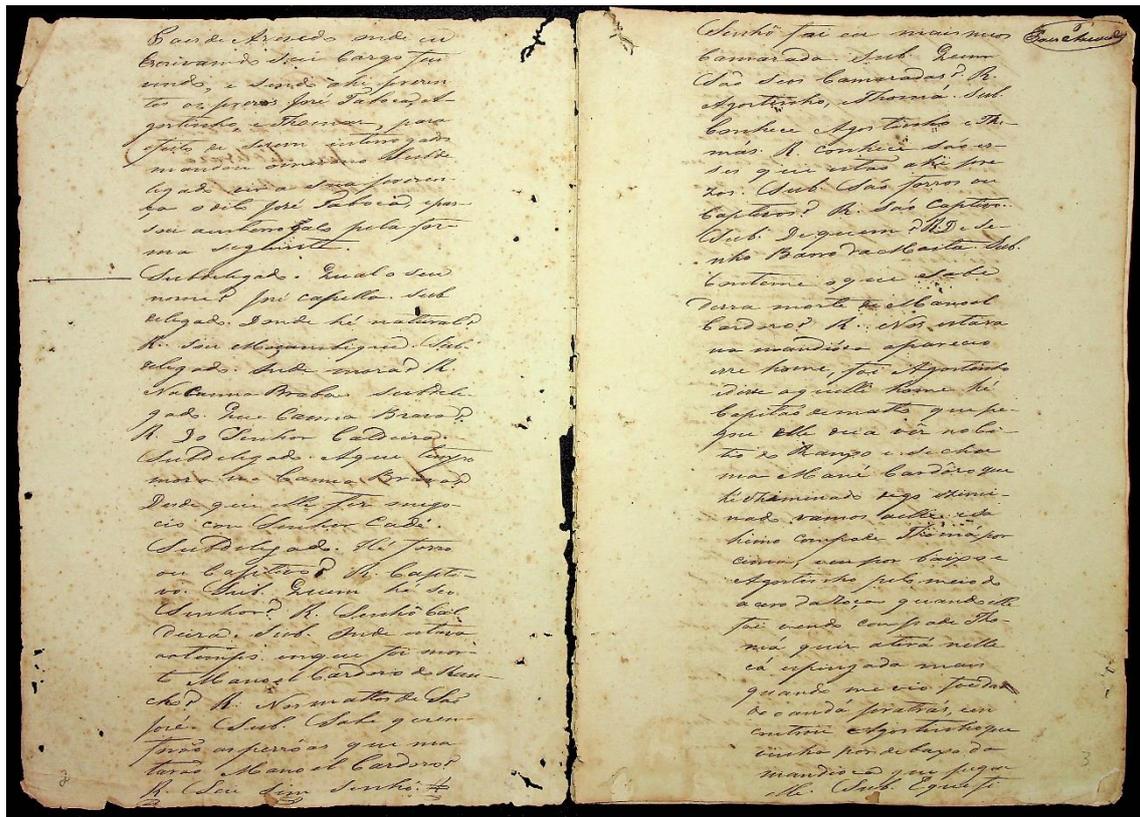
**Estevão Jozé de Oliveira**

**Manoel Felix do Bonfim**

Auto de interrogatório feito aos Escravos

Jozé Taboca, Agostinho e Thomas

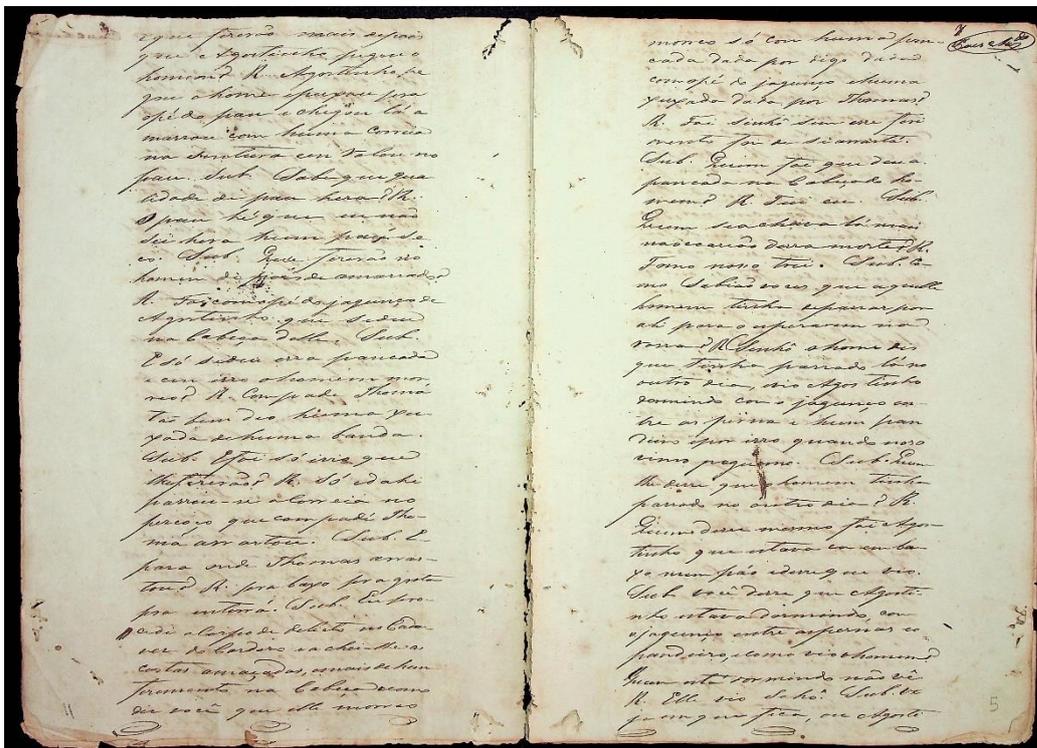
Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil oitocentos e quarenta e nove anos aos vinte e cinco dias do mês de fevereiro do ditto anno neste Engenho de Catete Termo da Villa do Rozario Comarca das Laranjeiras e Província de Sergipe de Elrei em casas de residencia da (Sub) digo do Major Manoel Paes



Paes de Azevedo onde eu  
Escrivam do seu cargo fui vindo, e vindo ahi presentes os prezos  
José Taboca, Agostinho Thomas, para efeito de serem interrogados mandou o mesmo  
subdelegado vir a sua presença o dito Jozé Taboca e passou a interroga-lo pela forma seguinte.  
Subdelegado. Qual seu nome? Jozé Capella. Subdelegado. Donde hé natural? R. Sou  
Moçambique. Subdelegado. Onde mora? R. Na Canna Braba. Subdelegado. Que Canna Brava?  
R. Do Senhor Caldeira. Subdelegado. A que tempo mora na Canna Brava? R. Desde que ele fez  
o negocio com Senhor Cadé. Subdelegado. Hé forro ou Captivo? R. Captivo. Sub. Quem hé seu  
Senhor? R. Senhor Caldeira. Sub. Onde estava ao tempo em que foi morto Manoel Cardoso do  
Ranxo? R. Nos mattos de São José. Sub. Sabe quem foram as pessôas que matarão Manoel  
Cardozo? R. Sei sim Senhô.

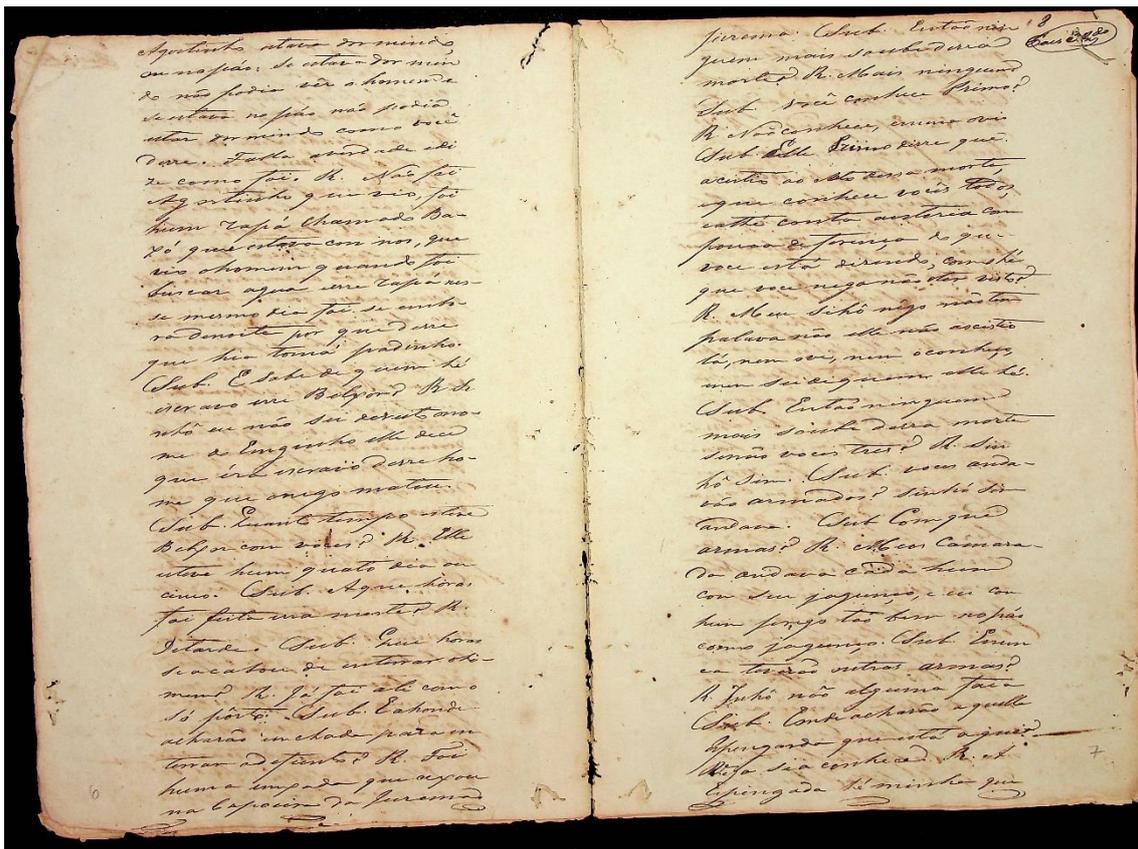
Senhô foi eu mais meus Camaradas. Sub. Quem são seos Camaradas? R. Agostinho e Thomá.  
Sub. Conhece Agostinho e Thomas? R. Conhece são esses que estão ahi prezos. Sub. São farros  
ou captivos? R. São captivos. Sub. De quem? R. De Senhô Barro da Moita. Sub. Conte me o  
que sabe dessa morte de Manoel Cardozo? R. Nos estava na mandioca apareceu esse home, foi

Agostinho e disse aquelle home hé Capitão de matto que pegou elle dua vez no Cítio do Ranxo e se chama Mané Cardozo que hé (ilegível) vamos a elle e sahimo Compadé Thomá por cima e eu por baxo e Agostinho pelo meio da a cero da roça quando elle foi vendo compade Thomá quiz atirá nelle cá espingarda mais quando me vio foi dando a andá pra trás e encontrou Agostinho que vinha por debaxo da mandioca que pegou elle. Sub. E que fizerão



mais depois que Agostinho pegou o homem? R. Agostinho pegou o home e puxou pra o pé de pao e chegou lá amarrou com uma correia na sintura e en rolou no pao. Sub. Sabe que qualidade de pao hera? R. O pao hé que eu não sei hera um pao seco. Sub. Que fizerão no homem depois de amarrado? R. Foi com o pé do jagunço do Agostinho que se deu na cabeça delle. Sub. E só se deu essa pancada, e com isso o homem morreo? R. Campode Thomá tao bem deu uma xuxada de uma banda. Sub. E só foi isso que lhe fizerão? R. Só e dahi passou-se a correia no pescoço que Compadé Thomá arrastou. Sub. E para onde Thomas arrastou? R. pra baxo da grota pra enterrá. Sub. Eu procedi o corpo de delito no Cadaver de Cardozo e achei-lhe as costas amaçadas, e mais de um ferimento na cabeça e como dez você que elle morreo

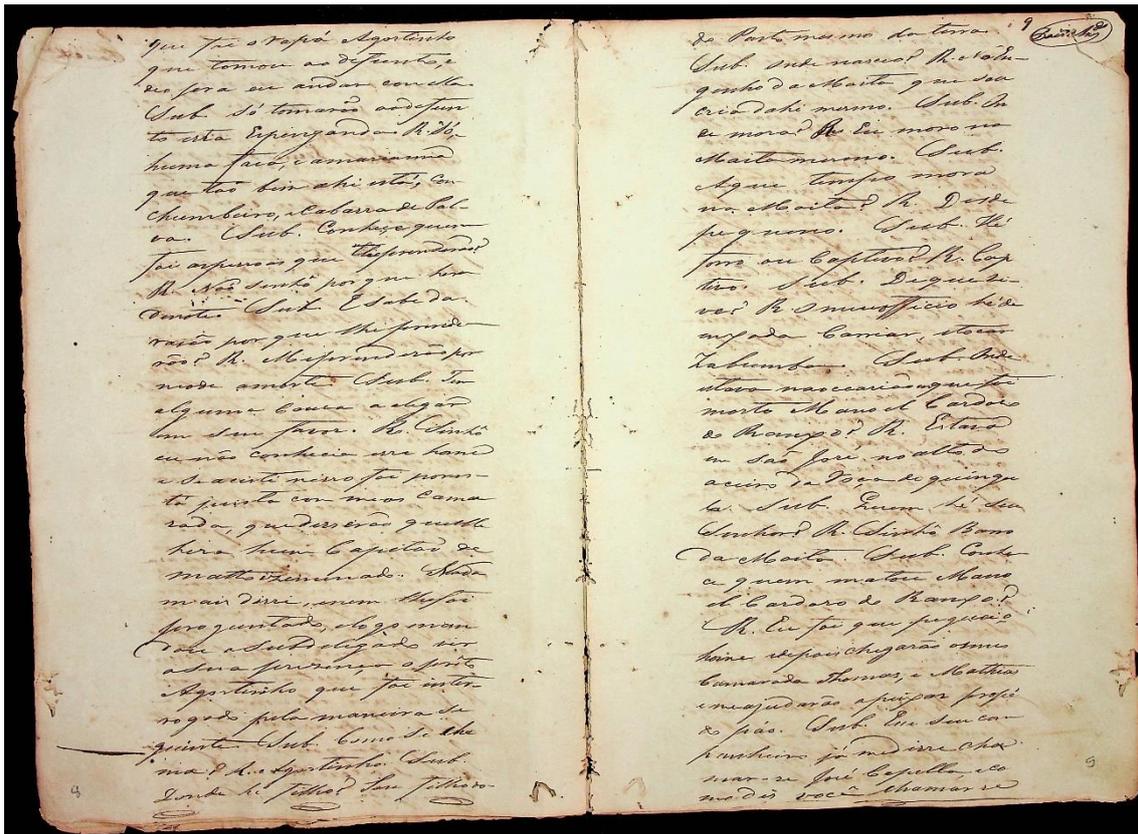
Morreo só com uma pancada dada por digo dada por Thomas. R. Foi senhô sim esse ferimento foi de se arrastá. Sub. Quem foi que deu a pancada na cabeça do homem? R. Fui eu. Sub. Quem se achava lá mais não (ilegível) dessa morte? R. Fomo nos trei. Sub. Como vocês que aquelle home tinha de passar por ali para esperarem na rossa? R. Sinhô o home diz que tinha passado lá no dia e vio Agostinho dormindo com o jagunço entre as pernas e um pandeiro e para isso quando nos o vimo peguemo. Sub. Quem lhe disse que o home tinha passado no outro dia? R. Quem disse mesmo foi Agostinho que estava lá em baxo num pao e disse que vio. Sub. Você disse que Agostinho estava dormindo com o jagunço entre as pernas e o pandeiro, e como vio o home? Quem está dormindo não vê. R. Ele vio Sinhô. Sub. Veja em que fica, ou Agostinho



Agostinho estava dormindo ou no pao. Se estava dormindo não podia ver o home e se estava no pao não podia estar dormindo como você disse. Fala a verdade e diz como foi. R. Não foi Agostinho que vio. Foi um rapá chamado baxo que estava com nos, que vio o home quando

foi buscar agua e esse rapá nesse mesmo dia foi se embora de noite por que disse que ia torna padinho. Sub. E sabe de quem hé escravo esse Belscor? R. Sinhô eu não sei direito o nome do Engenho elle disse que éra escravo desse home que (ilegível) matou. Sub. Quanto tempo esteve Belscor com vocês? R. Elle teve hum quato ou cinco. Sub. A que horas foi feita essa morte? R. De tarde. Sub. Que horas se acabou de enterrar o homem? R. Já foi ali com o só posto. Sub. E ahonde acharão enxada para enterrar o defunto? Foi uma enseada que achou na capoeira da Jurema

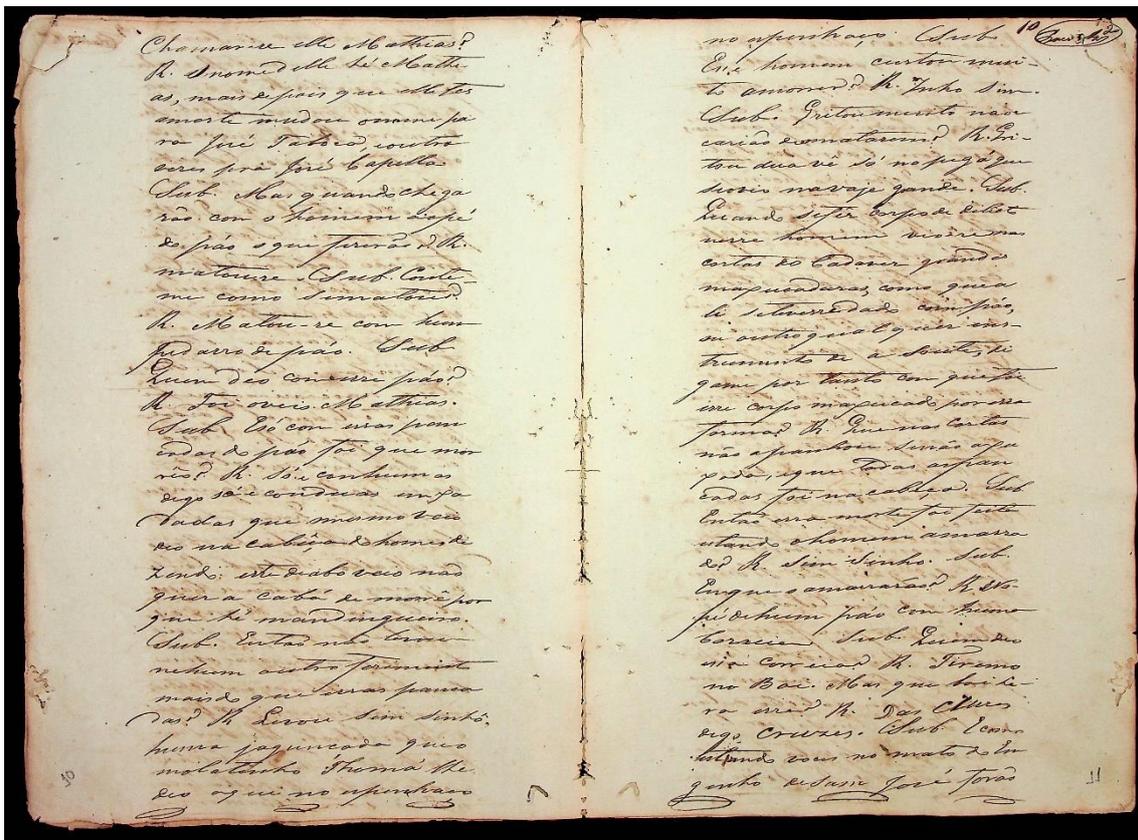
Jurema. Sub. Então ninguém mais soube dessa morte? R. Mais ninguém. Sub. Você conhece Primo? R. Não conhece e nunca vio. Sub. Esse Primo disse que assistio ao acto dessa morte, e que conhece vocês todos e athé conta a estória com pouca deferença do que você está dizendo como hé que você nega não o ter visto? R. Meu sehô nêgo não tem palavra não elle hé. Sub. Então ninguém mais soube dessa morte senão vocês três. R. Sinhô sim. Sub. Vocês andavam armados? R. Sinhô sim andava. Sub. Com que armas? R. Meus camarada andava cada hum com seu jagunço, e eu com um prego tão bem no pao como jagunço. Sub. E nunca tiveram outras armas? R. Não alguma faca. Sub. E onde acharão aquella espingarda que está aquir? Veja se a conhece. R. A espingarda é minha que



que foi o rapá e Agostinho que tomou ao defunto, e deo para eu andar com ella. Sub. Só tomarão do defunto esta espingarda? R. Só uma faca e (ilegível) que tão bem ahi esta, um chumbeiro e cabassa de polva. Sub. Conhece quem foi as pessoas que los prenderão? R. Não sinhô por que era de noite. Sub. E sabe da razão porque lhe prenderão? R. Me prenderão por mode a morte. Sub. Tem alguma couza a alegrar em seu favor? R. Sinhô eu não conhecia esse home e se acisti foi por está (ilegível) com meus camarada que disseram que elle hera um Capitão do Matto (ilegível). Nada mais disse, e nem lhe foi perguntado. E logo mandou o subdelegado vir a sua presença o prêto Agostinho que foi interrogado pela maneira seguinte. Sub. Como se chama? R. Agostinho. Sub. Onde hé filho? Sou filho

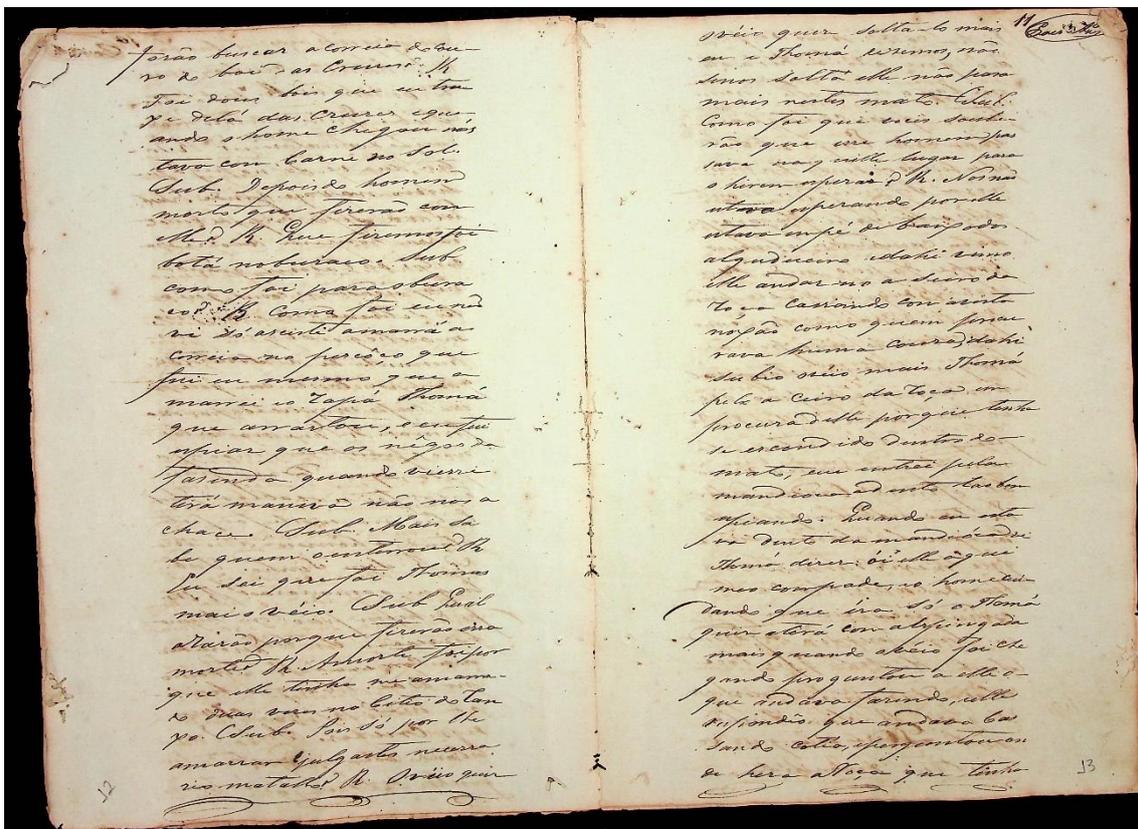
do Pasto mesmo da terra. Sub. Onde nasceu? R. No Engenho da Moita que sou cria dahi mesmo. Sub. Onde mora? R. Eu moro na Moita mesmo. Sub. A que tempo mora na Moita? R. Desde pequeno. Sub. Hé forro ou Captivo? R. Captivo. Sub. De que vive? R. O meu officio hé de enxada, cariar e tocar zabumba. Sub. Onde estava na occasião em que foi morto Manoel Cardozo do Ranxo? R. Estava em São Jozé no alto do aceiro da roça de quingula. Sub. Quem

hé seu senhor? R. Sinhô Barro da Moita. Sub. Conhece quem matou Manoel Cardozo de Ranxo. R. Eu foi que peguei o home e depois chegarão os meo camarada Thomaz e Mathias e me ajudarão a puxar pro pé de pao. Sub. Esse seu companheiro já me disse chamar-se Jozé Capella e como diz você chamar-se



Chama-se elle Mathias? R. O nome delle hé Mathias, mais depois que elle fez a morte mudou o nome para Jozé Taboca e outras vezes pra Jozé Capella. Sub. Mas quando chegarão com o homem ao pé de pao o que fizerão? R. Matou-se. Sub. Conte-me como se matou. R. Matou-se com um pedasso de pao. Sub. Quem deu com esse pao. R. Foi o veio Mathias. Sub. E só com essas pancadas do pao foi que morrêo? R. Só e conhecemos, digo só e com duas enxadas que o mesmo veio deo na cabeça do home dizendo: este diabo veio não quer acabá de morre por que hé mandingueiro. Sub. Então não levou nenhum outro ferimento mais do que essas pancadas? R. Levou sim sinhô, uma jagunçada que o molatinho Thomá lhe deo aqui no espinhaço.

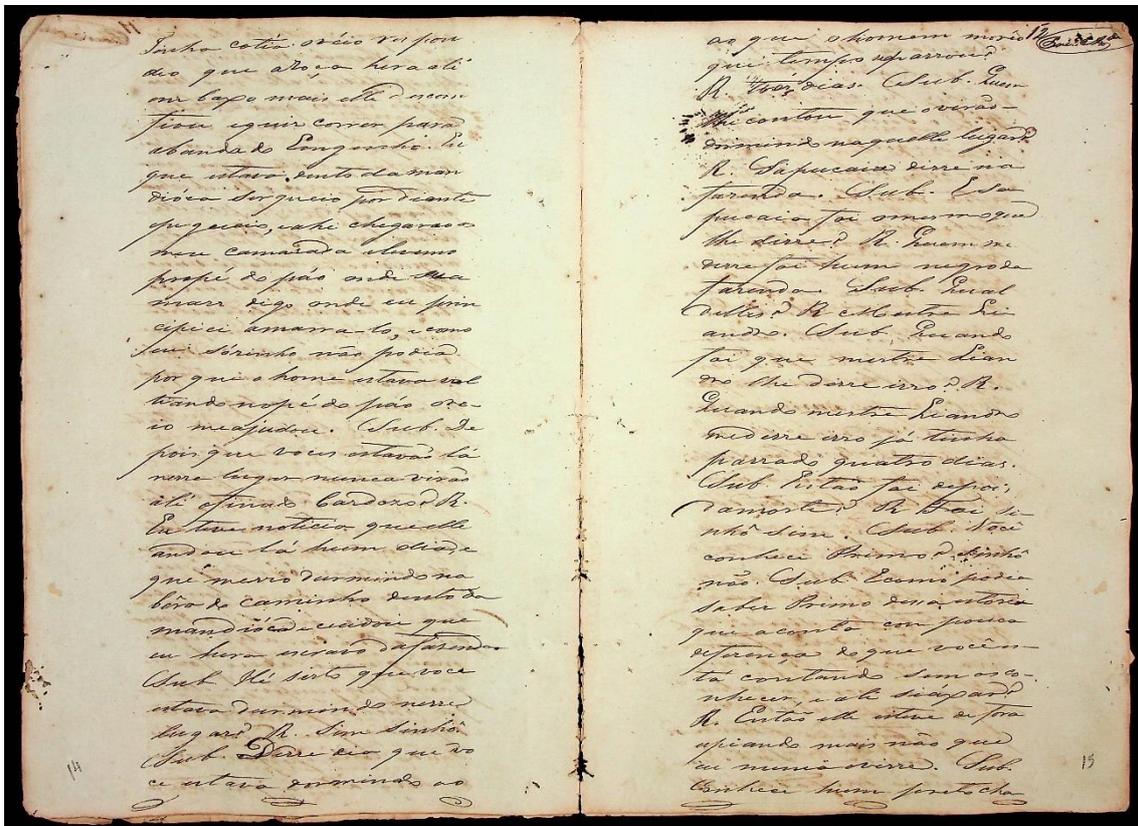
No espinhaço. Sub. Esse home custou muito a morrer? R. (ilegível) sim. Sub. Gritou muito na ocasião de o matarem? R. Gritou dua vê só no lugá que se ovio na vagem grande. Sub. Quando se fez corpo de delicto nesse homem vio-se nas costas do Cadaver grandes maxucaduras, como que ali se tivesse dado com pao, ou outro qualquer instrumento de a soite, digam portanto com que foi esse corpo maxucado por essa forma? R. Que nas costas não apanhou senão a xuxada, e que todas as pancada foi na cabeça. Sub. Então essa morte foi feita estando o homem amarrado? R. Sim sinhô. Sub. Em que o amarrarão? R. No pé de hum pao com uma correia. Sub. Quem deo essa correia. R. Tiramo no boi. Mas que boi hera esse? R. Das Cruzes. Sub. E como estando vocês no mato do Engenho de Sam Jozé forão



forão buscar a correia de couro de boi das Cruzes. R. Foi dois bois que eu truxe de lá das Cruzes e quando o home chegou nós tava com carne do sol. Sub. Depois do homem morto que fizerão com elle? R. Que fizemos foi botá no buraco. Sub. Como foi para o buraco? R. Como foi eu

não vi só ascisti amarrá a correia no pescoço que foi eu mesmo que amarrei no rapá Thomá que arrastou, e eu fui espiar que os nêgos da fazenda quando viesse tirá (ilegível) não nos achace. Sub. Mas sabe quem o enterrou? R. Eu sei que foi Thomas mai o veio. Sub. Qual a razão porque fizeram essa morte? R. A morte foi por que elle tinha me amarrado duas vezes no Cítio do Ranxo. Sub. Pois só por elle lhe amarrar julgastes necessário matallo? R. O veio quiz

O veio quiz solta lo mais eu e Thomá dissemos, não se nos soltar elle não para mais nestes matos. Sub. Como foi que vocês souberam que esse home passava naquele lugar para o hirem esperar? Nos não estava esperando por elle estava em pé (ilegível) idahi ele andou cassando com (ilegível) no pao como quem fissar nova huma cousa, dahí subio o veio mais Thomá (ilegível) em procura d'elle porque tenha se escondido dento do mato, eu entrei pela mandioca do mato tao (ilegível). Quando eu estava dento da mandioca vi Thomá diser: aí (ilegível) mos compade no home cuidando que éra so o Thomá quis estava con aspingarda mais quando o veio foi chegando proguntou a elle o que mudava. (ilegível) que andava casando cotia, (ilegível) de hera Noça que tinha



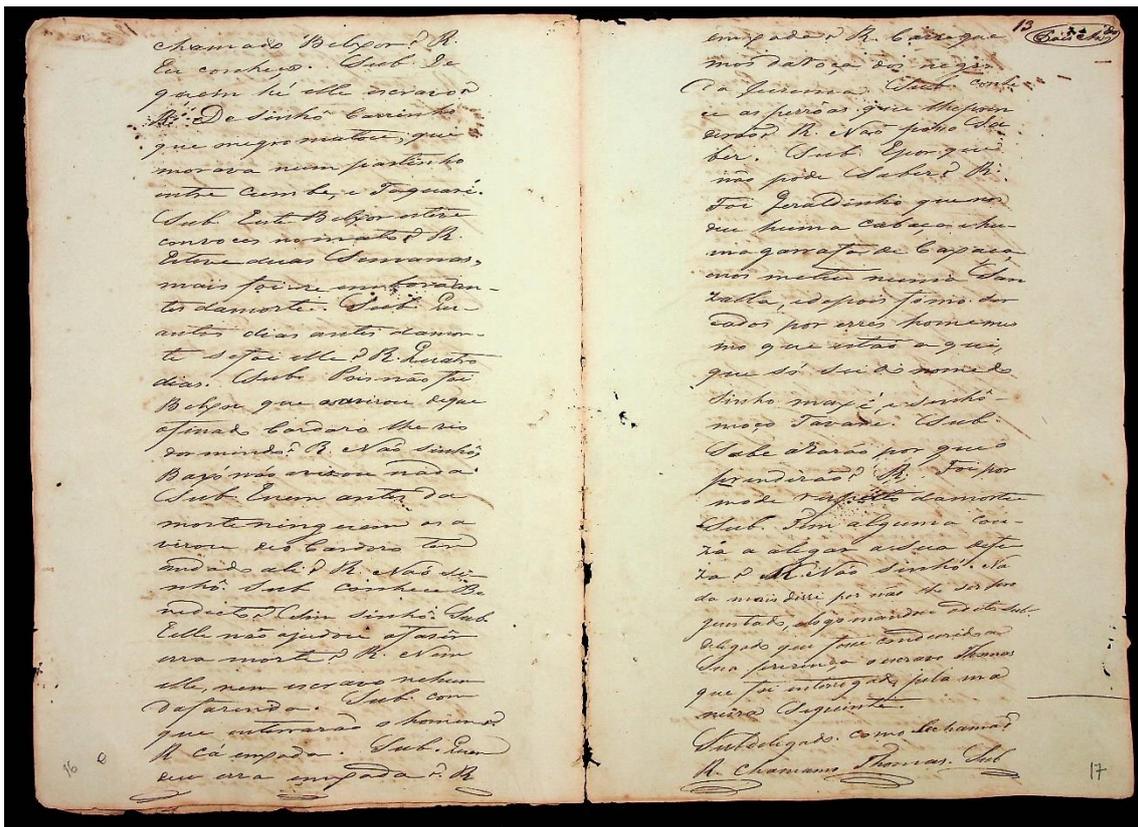
cotia no espinhaço. Sub E o homem custou muito a morrer?R. Custou sim.

Sub. Gritou muito na ocasião? de o matarem? R. Gritou dua vê só no lugá que se ovio na vage graande.

Sub.Quando se fez corpo de delicto nesse homem vio-se nas costas do cadaver grandes maxcaduras, como que a li se tivesse dado com pao, ou outro qualquer instrumento de asoite, diga me por tanto com que foi esse corpo maxucado por essa forma? R. Que nas costas

não apanhou senão a xuxada, e que todas as pancadas foi na cabeça. Sub. Então essa morte foi feita estando o homem amarrado? R. Sim sinho. Sub.Em que o amarrarão? R. No pé de hum pao com huma correia. Sub. Quem deo essa correia? R. Tiremo no Boi. Mas que Boi hera esse? R. DasCruzes. Sub. E como(ilegível) voces no mato do Engenho de Sam Jozé forão

forão busca a correia de couro do boi das Cruzes. R.Foi dous bois que eu truxe de lá das Cruzes e quaando o home chegou nóstava com carne no sol. Suub. Depois do homem morto que fizerão com elle? R. que fizemos foi botá no buraco. Sub. como foi para o buraco? R. Como foi eu não vi só assisti amarrá a correia no pescôço que fui eu mesmo que amarrei e o rapá Thomá que arrastou, e eu fui espiar que os nêgos da fazenda quando viesse tirar maniva não nos achace. Sub. mais sabe quem o enterrou? R.Eu sei que foi Thomas mai o véio. Sub. Qual a razão por que fizerão essa morte? R. A morte foi porque elle tinha me amarrado duas vezes no Cítio do Lanxo. Sub. Poi só por lhe amarrar julgastes necessario matalho? R. O véio quiz



chamado Belxor? R. Eu conheço. Sub. De quem é elle escravo?

R. De sinhô Carrinho que o negro matou, que morava num pastinho entre Cumbe e Taquaré.

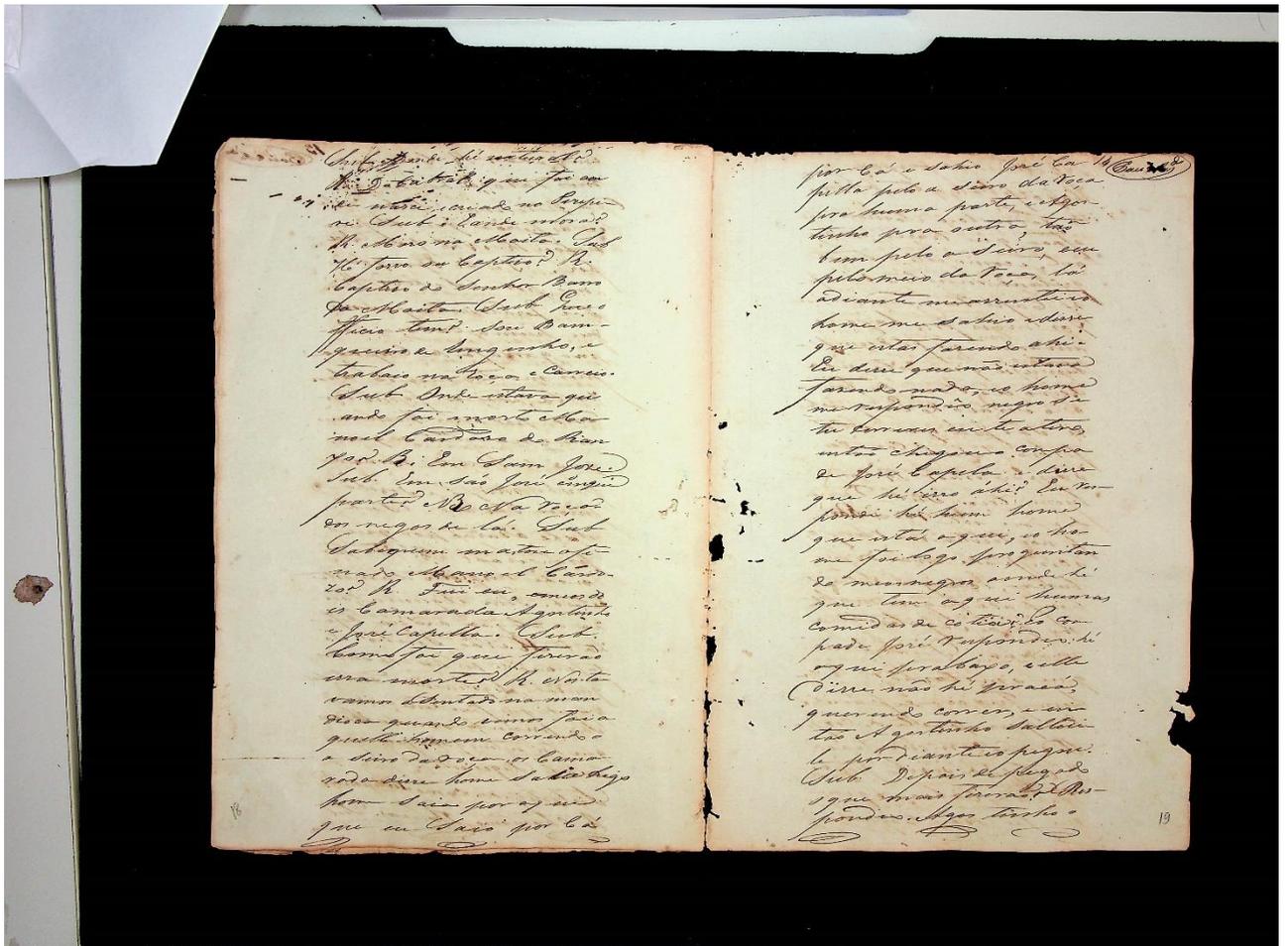
Sub. Este Belxor esteve com vocês no mato? R. Esteve duas semanas,mas foi se embora antes da morte. Sub. Quantos dias antes da morte se foi elle? R. Quatro dia. Sub. Pos não foi Belxor que os avizou de que o finado Cardozo lhe vio dormindo? R. Não sinhô, Belxor não avisou nada.Sub. E em antes da morte ninguém os avizou de o Cardozo ter andado ali? R. Não sinhô. Sub. conhece Benedicto? R. Sim sinhô. Sub.E elle não ajudou a fazeressa morte? R. Nem elle, nem escravo nenhum da fazenda. Sub. Com que enterrarão o homem? R. Cá enxada. Sub. Quem deu essa emxada. R.

R. Carregamos da roça dos nego da Jurema. Sub. Conhece as pessoas que lhe prenderão? R. Não posso saber. Sub. E por quenão pode saber? R.Foi Geraldinho que nos deu huma cabaça e huma garrafa de caxaça e nos meteu numa senzalla, e depois fomo sercados por esses home mesmo que estão aqui que só sei do nome do sinhô (ilegível) e sinhô moço Tavare. Su. Sabe a razão por que o prenderão? R. foi por mode respeito da morte

Sub. Tem alguma couza a alegar a sua defeza? R. Não sinhô. Nada mais disse por não lher ser perguntado, e logo mandou o dito sub delegado que fosse conduzido a

sua presença o escravo Thomas que foi interrogado pela maneira seguinte.

Subdelegado. Como se chama? R. Chamo me Thomas. Sub.



Sub. Onde hé (ilegível) R. do Cabral que foi onde nasci e criado no Periperi. Sub. E onde mora?

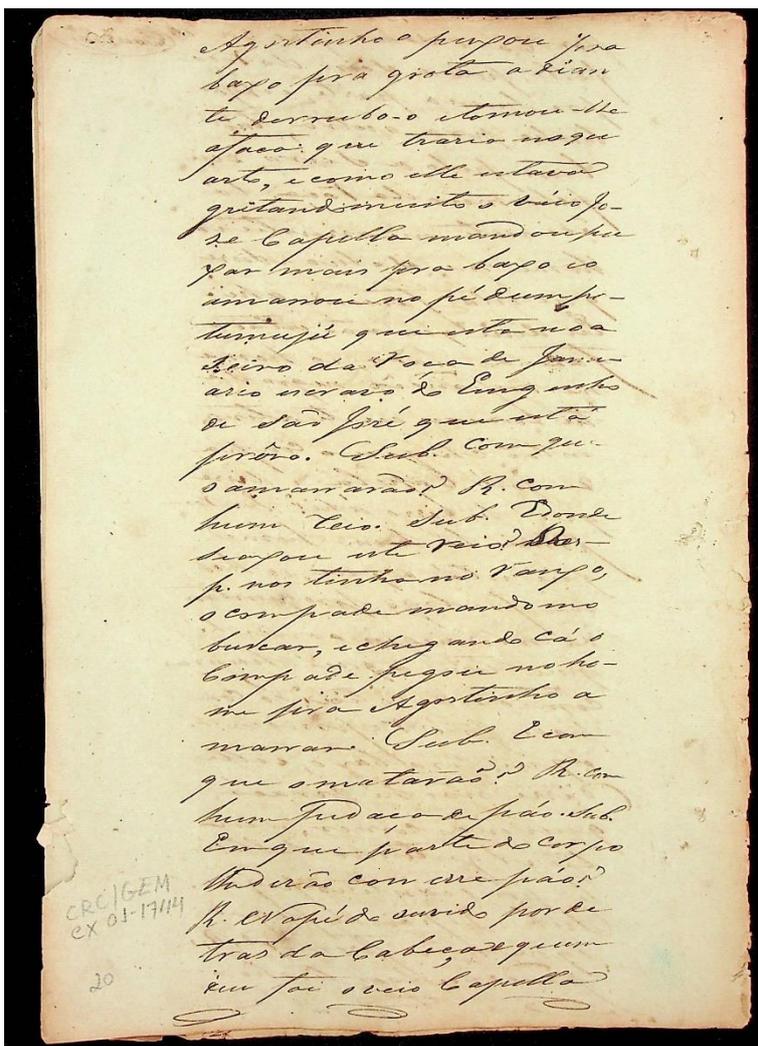
R. Moro na Moita. Sub. Hé forro ou captivo? R. Captivo do Senhor Barro da Moita. Sub. Qu officio tem? R. Sou Bamqueiro de Engenho, e trabalho na roça e correio. Sub. Onde estava quando foi morto Manoel Cardozo do Rancho? R. em Sam Joze. Sub. Em Sam Joze em que parte? R. Na roça dos negos de lá . Sub. Sabe quem matou o finado Manoel Cardozo?. Fui eu e meus doois Camarada Agostinho e Jozé Capella. Sub. Como foi que fizerão essa morte? R. Nos

tavamos asentado na mandioca quando vimos foi aquelle homem correndo o a seiro da roça, os camarada disse home saia por aqui que eu saio por cá

Por cá e sahio jozé Capella pelo a seiro da roça pra huma parte, e Agostinho pra outra, tão bem pelo a seiro, e eu pelo meio da roça, lá adiante me assentei e o home me sahio e disse que estar fazendo ahi Eu disse que não estava fazendo nada e o home me respondeo negro se

tu correres eu te atiro, então chegou o compade José Capella e disse que hé isso ahi? Eu respondi hé hum home que está aqui, e o home foi logo proguntando me os negos aonde hé

que tem aqui humas comidas de cotia? E o compade Jozé respondeo hé aqui por abaixo, e elle disse não hé pra cá querendo correr, e então Agostinho saltou le por diante e o pegou. Sub. Depois de pegado o que mais fizerão? Respondeo. Agostinho o



Agostinho a purpose pra  
bapo pra qista a kian  
te derrubo o stomou de  
afaco que trario no seu  
parte, e como elle estava  
gritando omeito o dicio p-  
de Capella mandou eu  
par mais pra bapo e  
imarron no p' deump-  
tumujá que esta na  
seiro da roça de Janu-  
ario evario de Engenho  
de São José que esta a  
porão. Sub. Com que  
o amarrarás? R. Com  
hum laio. Sub. Doude  
sua por ut veio das  
p. no tinha no campo,  
o compade mandou me  
buscar, e chegado cá o  
compade pegou no ho-  
me pra Agostinho a  
marrar. Sub. Com  
que o matareis? R. Com  
hum fudaco de fudo. Sub.  
Em que parte do corpo  
daráis com cre fudo?  
R. O pé de surido por be-  
tras da cabeça, e quem  
eu fui o veio Capella

CRCI GEM  
EX 01-17114  
20

Agostinho o puxou pra baxo pra grota a direita derrubou-o e tomou-lhea faca que trazia no quarto, e como elle estava gritando muito o véio Jozé Capella mandou puxar mais pra baxo e a amarrou no pé dum putumujú que esta no aseiro da roça de Januario escravo do Engenho de Sam Jozé que está fôrro. Sub. Com que o amarrarão? R. Com hum reio. Sub. E donde se axou este reio? R. nos tinha no ranxo, o compade mandou mo buscar, e chegando cá o Compade pegou no home pra Agostinho amarrar. Sub. E comque o matarão? R. com hum pedaço de pao. Sub. Em que parte do corpo derão com esse pao? R. No pé do ouvido por de trás da cabeça e quem deo foi o véio Capella

## REFERÊNCIAS

BRASIL. *Código Criminal do Império do Brasil*. Lei de 16 de dezembro de 1830. Coleção das Leis do Brasil. Atos do Poder Legislativo de 1830. (Título II, Capítulo I). Sem Paginação. Disponível em Acesso em: 29/04/2017.

AMARAL, Sharyse Piroupo do. *História do negro no Brasil*. Brasília: MEC; Salvador: CEAO, 2011. p. 16

AMARAL, Sharyse Piroupo do. *Escravidão, Liberdade e Resistência em Sergipe: Cotinguiba (1860-1888)*/ 2007 Tese (Doutorado em História) – UFBA, 2007.

*Um pé calçado outro no chão*. Aracaju: Editora Diário Oficial, 2012

D'ACELINO, Severo. *Resistência e religiosidade do negro sergipano*. Casa de Cultura AfroSergipana, 1994, p. 3

DOMINGUES, Petrônio. *Políticas da raça: experiência e legados da abolição e da pós-emancipação no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2014, p. 39

DORIDO, Gianpaolo; VICENTINO, Cláudio. *História Geral e do Brasil*. São Paulo, Scipione, 1ª Edição, 2017.

AVELINO, Camila Barreto Santos. *Os sentidos da liberdade: trajetórias, abolicionismo e relações de trabalho no Vale do Cotinguiba no pós-abolição (SERGIPE 1880-1930)*

Nordeste Açucareiro (1840-1875) – *desafios num processo do vir-a-ser capitalista*. Aracaju: UFS/SEPLAN, 1993

SANTOS, Lourival Santana. *Quilombos e quilombolas em terras de Sergipe no século XIX*. Revista do IHGS, 1992, p. 36

CHALHOUB, Sidney. *Visões da Liberdade: Uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim. O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

DOMINGUES, Petrônio. *João Mulungu: a invenção de um herói brasileiro*, p.211-255, jul. 2015.

DANTAS, Orlando. *Vida patriarcal em Sergipe*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

NUNES, Maria Thétis. *Sergipe Colonial I*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

\_\_\_\_\_. *O escravo negro e as culturas de subsistência na Capitania de Sergipe d'El Rey*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, n. 33, 2002.

SOUSA NETO, Edvaldo Alves de. “*Ô levanta nego, cativo se acabou*”: *experiências de libertos em Sergipe durante o pós-abolição (1888-1900)*. 2016. Dissertação (Mestrado História) – Universidade Federal de Sergipe.

PRIORE, Mary del. *História da gente brasileira*. Volume 01. SAMPAIO, Fernando dos. *Gografia: Ser protagonista*. SM, E. 1ª, 2017

BRASIL. Lei 261, de 3 de dezembro de 1841. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/104058/lei-261-41>

BEIGELMAN, Paula. *A formação do povo no complexo cafeeiro*. São Paulo: Pioneira, 1968.

CONRAD, Robert. *Os últimos anos da escravatura no Brasil. 1850-1888*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

REIS, Liana Maria. *Crimes e escravos na capitania de todos os negros (Minas Gerais, 1720-1800)*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.